

BRAZ ARAUJO

HIROSHIMA E NAGASAKI: PARADOXOS DA ESTRATÉGIA

O TRISTEMENTE
FAMOSO "ENOLA
GAY", O B-29 QUE
LEVOU A BOMBA A
HIROSHIMA, TENDO À
FRENTE O CORONEL
PAUL TIBETTS,
COMANDANTE DA
MISSÃO



Guerra

As definições contemporâneas de estratégia são numerosas e diversificadas, sobretudo porque agora a visão multidisciplinar relativa ao conceito é cada vez mais rica, sugerindo a emergência de sociedades onde será cada vez mais importante o papel do *homo strategicus*.

Com efeito, em um universo mundial multipolarizado, sabidamente mais instável do que os sistemas bipolares (1), tanto os países como as organizações, para não falar dos indivíduos, viverão situações e processos marcados pela instabilidade. As recomendações

milenarios de Sun Tzu sobre a importância de conhecer a si próprio e aos outros tornam-se mais sofisticadas na sociedade da informação globalizada, da competitividade generalizada, das ameaças difusas e incertas e do crescente desenvolvimento científico com aplicações tecnológicas.

Assim, o paradigma estratégico readquire importância abrangente em tempos de paz, pois se trata justamente de garanti-la e consolidá-la em cenários cada vez mais complexos. Superadas as limitações culturais determinadas pela Guerra

BRAZ ARAUJO é professor do Departamento de Ciência Política da FFLCH-USP e coordenador do Núcleo de Políticas e Estratégias (Naippe-USP).

Fria, encontra-se um ambiente favorável para a aplicação do paradigma em análises de processos significativos para o futuro da humanidade, como é o assunto da utilização ou possibilidade de utilização de armas nucleares ou de suas funções em estratégia (2).

As melhores definições de estratégia explicitam o paradigma estratégico: *objetivos/fins, caminhos/conceitos e meios/recursos* (3). O que essa tríplice dimensão ajudaria na reflexão sobre Hiroshima e Nagasaki, justamente agora quando se passaram cinquenta anos? Existem diferentes maneiras de abordar esse assunto complexo e delicado. Neste artigo buscar-se-ão algumas lições do paradigma estratégico para a reflexão em torno da decisão americana de utilizar bombas atômicas sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, respectivamente em 6 e 9 de agosto de 1946.

O DEBATE EM TORNO DOS OBJETIVOS

Quais eram os objetivos dos americanos construindo bombas atômicas e utilizando duas, respectivamente contra Hiroshima e Nagasaki, acarretando a morte imediata de 115.000 pessoas e após, provavelmente, cerca de 250.000, além de ferimentos em mais de 100.000?

Em guerra mundial contra o nazi-fascismo e o militarismo japonês, o presidente dos Estados Unidos, F. D. Roosevelt, é informado sobre a possibilidade de construção da bomba atômica e convencido por Oppenheimer e cientistas emigrados, entre eles Einstein e Fermi, a aplicar 2 bilhões de dólares no chamado Projeto Manhattan, que se inicia imediatamente em 1941, a fim de dotar os Estados Unidos de uma arma tão poderosa que garantiria a vitória e mudaria a própria concepção de guerra.

Documentos agora analisados por Bernstein (4) ajudam a melhor entender o debate em torno dos objetivos, pelos seguintes pontos:

1. A decisão de construir a bomba visava derrotar os inimigos principais. Só não foi utilizada contra a Alemanha porque quando ficou pronta (abril de 1945) a Alemanha nazista já estava praticamente derrotada, o que se concretiza em 8 de maio de 1945;

2. A decisão de usar a bomba "talvez contra

o Japão" e não contra a Alemanha é tomada em setembro de 1944, consignada em memorando assinado por Roosevelt e Churchill em Hyde Park, indicando decisão prévia de Roosevelt, provavelmente logo após rendição alemã;

3. Pesquisas nos arquivos mostram que o Japão seria derrotado pelos meios convencionais até novembro de 1945;

4. O Projeto Manhattan foi desenvolvido com o conhecimento de número restrito de membros do Congresso, entre os quais não estava o próprio senador Harry Truman, que se tornaria repentinamente presidente em 12 de abril de 1945;

5. Desde o final de abril até maio uma comissão de escolha de alvos da qual faziam parte o matemático Von Neumann e Oppenheimer já discutia as cidades que poderiam servir de alvo. Hiroshima já aparece como alvo possível em 27 de abril e Nagasaki aparece junto com outras importantes cidades em uma lista então elaborada;

6. Na própria comissão a bomba atômica é considerada uma "arma de terror para produzir o maior efeito psicológico sobre o Japão, e fazer saber ao mundo, e à União Soviética em particular, que a América possuía este novo poder" (5);

7. Apesar de a guerra já ter assumido o caráter de guerra total, pois as populações civis eram sistematicamente bombardeadas tanto na Alemanha como no Japão, contrariando a cultura de guerra nos Estados Unidos que se opunha à intencionalidade de matar civis, travou-se intenso debate fazendo emergir a nova ética da guerra atômica, uma ética baseada no terror nuclear e que tanto afetaria o pensamento estratégico desde então;

8. Os físicos Arthur Compton, Oppenheimer, Fermi e Ernest Lawrence descartaram a possibilidade de uma demonstração técnica contribuir para o fim da guerra, "não havendo alternativa aceitável ao emprego militar direto";

9. O primeiro teste realizado em Alamogordo/Nevada (17 de junho de 1945) convence o secretário da Guerra Henry L. Stimson, o recém-designado secretário de Estado James Byrnes e o próprio presidente Truman da importância do uso da bomba atômica, pois ela "podia também intimidar os soviéticos e torná-los mais dóceis no período do pós-guerra";

2 Veja-se tese de doutoramento recente de Domicio Proença Júnior, abordagem sobre "O Fazer da Guerra Moderna", novembro de 1994, pp. 558-70.

3 Gary L. Guertner, 1994, p. xv.

4 *Foreign Affairs* (74)1, 1995, pp. 135-52.

5 Barton J. Bernstein, 1995, p. 142.



10. Em 25 de julho de 1945, o presidente Truman recebeu em Potsdam um relatório detalhado sobre a experiência de Alamogordo, tendo inclusive escrito em seu diário: "Descobrimos a mais terrível bomba da história do mundo". Como estadista, viveu momentos de angústia antes e depois da decisão, pois o debate no círculo mais próximo do presidente revelava também dúvidas e angústias relacionadas com a própria imagem dos Estados Unidos no pós-guerra, que poderia aparecer como tendo excedido os próprios horrores de Hitler e dos japoneses (6);

11. Por outro lado, temiam-se as pressões da opinião pública americana, que certamente reclamaria por seus 50.000 mortos, caso se tivesse de invadir o Japão, o que deveria ocorrer não utilizando a bomba;

12. Logo após Nagasaki, em 10 de agosto de 1945, Truman rejeita rendição condicional com continuidade do imperador, proposta pelos japoneses, e também rejeita lançar a terceira bomba. Mas até a rendição incondicional do Japão em 14 de agosto de 1945, cerca de 1.000 aviões bombardeariam cidades japonesas, causando mais de 15.000 mortes;

13. O arrasador ataque soviético às forças japonesas na Manchúria a partir de 8 de agosto, segundo Bernstein, confirmando o que fora sustentado por historiadores soviéticos, apressa a rendição incondicional do Japão;

14. Sabe-se, agora, que o imperador Hirohito tomara decisão secreta de buscar a paz, logo após Hiroshima. Assim, segundo Bernstein (7), a bomba sobre Nagasaki poderia ter sido evitada. O que pesava nas decisões americanas já era a intimidação dos soviéticos.

NECESSIDADE E MORALIDADE

Esse estudo recente de Bernstein (e outros mais antigos), além de fatos conhecidos relacionados com membros da comunidade científica e estadistas (Oppenheimer e Eisenhower, por exemplo), torna mais fácil nos dias atuais o debate sobre os impactos da bomba atômica e as questões ético-morais correlacionadas.

Do ponto de vista da estratégia de contenção do comunismo, o monopólio da arma nuclear era certamente uma vantagem importante e efetivamente contribuiu para refrear os impulsos expansionistas de Stálin

no pós-guerra. Porém, por outro lado, as duas explosões lançam a União Soviética em luta obstinada para a construção da bomba, também com participação de cientistas da Alemanha derrotada e acelera a corrida armamentista no mundo.

Assim, esses fatos mostram em um primeiro momento que o desenvolvimento normal da pesquisa científica teria também possibilitado à Alemanha a obtenção da bomba, caso Hitler tivesse tido outra percepção sobre suas potencialidades. Não teve a percepção e não teria tempo de construí-la, como aliás condições e tempo não teve o próprio Japão.

Mostram também, por outro lado, o avanço tecnológico superior dos Estados Unidos e o que seria a persistente capacidade americana de transformar ciência em tecnologia e novos produtos. Proença Jr. sintetiza bem o que considera a tríplice vantagem americana: disponibilidade de uma massa de cientistas, uma "grande estratégia" ou grande política que articula cientistas, engenheiros, industriais e militares e, finalmente, a capacidade de gerenciamento, inclusive de "vaidades de cientistas e militares" (8).

Não havia como fugir à realidade científica e tecnológica da bomba atômica e como escapar ao realismo político de, na guerra, buscar a vitória. Os Estados Unidos usaram primeiro a bomba atômica porque foram os primeiros a construí-la estando em guerra, em finais de uma guerra mundial, quando já buscavam os novos padrões de poder que iriam definir os caminhos da paz.

Os bombardeios sistemáticos e arrasadores de cidades, tanto na Alemanha como no Japão, e as bombas sobre Hiroshima e Nagasaki atestam uma mudança profunda na relação entre moralidade e guerra nos Estados Unidos, que antes não admitiam a intencionalidade da morte maciça de civis.

A experiência americana mostra, assim, a oposição irreduzível e os conflitos iminentes entre necessidade estratégica e moralidade no uso da bomba atômica ou de qualquer outro artefato nuclear. O terror causado pela explosão atômica é de tal forma potencializado que é chocante diante dos valores fundamentais que orientaram a formação dos Estados Unidos e os princípios do humanismo universal.

Mas a explosão da bomba soviética em 1948 termina também com a invulnera-

6 Idem, pp. 147-8.

7 Idem, p. 150.

8 Domicio Proença Jr. 1994, p.558.

bilidade estratégica dos Estados Unidos (9).

Há os que sustentam o importante papel da arma nuclear na estratégia de dissuasão, alguns a considerando como o próprio alicerce da estabilidade estratégico-militar na Europa e na Ásia. No início, aviltando o papel das forças convencionais, provocando redefinições na operacionalidade tática e estratégica das forças (marinha, exército e aeronáutica), o poder nuclear é sempre ambivalente, como aliás foi até Foster Dulles, suposto arquiteto da estratégia da retaliação em massa (10).

LIÇÕES DECORRENTES DOS MEIOS

Os últimos cinquenta anos fornecem extraordinárias lições para o futuro da humanidade.

Se tivessem uma terceira bomba, os Estados Unidos não a teriam jogado sobre o Japão porque este já se rendia, mas também porque as duas primeiras pesaram na avaliação dos estrategistas militares - os mais decisivos na hipótese genérica de Builder(11) - e dos governantes, Truman em particular, que perceberam seus impactos futuros sobre a imagem americana, que seria debilitada no jogo da formatação da paz. Se não a utilizaram em crises subsequentes, como na Guerra da Coreia, na crise China-Taiwan de 1958, em crises envolvendo Berlim e a famosa crise de mísseis envolvendo a URSS e Cuba, compreende-se perfeitamente pelos riscos da retaliação e, no limite, do holocausto nuclear da própria humanidade.

A bomba atômica (e suas sucessoras em potência) torna-se, assim, além de arma de terror, *arma ruim para ganhar a guerra*, só tendo sentido como arma de dissuasão entre as grandes potências ou de retaliação no processo de holocausto suicida. Se assim não fosse Israel já poderia tê-la utilizado para submeter os árabes, visto que poucos duvidam da capacidade atômica de Israel. Qual seria a imagem do povo judeu perante a humanidade caso Israel utilizasse primeiro uma bomba contra qualquer país árabe? Qual país árabe sobreviveria utilizando uma bomba contra Israel?

A corrida armamentista e o sofisticado desenvolvimento da missilística nuclear no jogo bipolar da Guerra Fria, que envolvem

os paradoxos do conceito de equilíbrio de poder, mostram que os inimigos potenciais buscam sempre um *algo mais*, uma *vantagem* sobre o oponente. Por isso muitos estrategistas, embora admitissem que a arma nuclear fosse não-utilizável, sustentaram fantásticos recursos gastos pelas grandes e principais potências na busca de vantagens ou de melhores posições estratégicas e/ou dissuasórias.

Como a história mostrou (felizmente para a humanidade), a vitória só pode se dar pela exaustão do inimigo, pelo desgaste crescente e pela implosão do próprio sistema do adversário e não pelo holocausto.

LIÇÕES SOBRE CAMINHOS E CONCEITOS

Nesse contexto Proença Jr., assumindo inspiração em Builder, sugere com bastante originalidade um paradoxo central: "*a teoria militar já não serve para a guerra só para uma leitura da história da guerra de caráter doutrinário-corporativo*" (12).

Embora, indubitavelmente, o chamado complexo industrial-militar tenha sido âncora de um extraordinário desenvolvimento científico e tecnológico e do lançamento de novos produtos, o fim da Guerra Fria deixa a economia americana em posição relativa debilitada. Mesmo não se assumindo o pessimismo dos analistas chamados "declinistas" há que se meditar, cada vez mais profundamente, sobre os efeitos dessa corrida na situação atual do povo e da sociedade americana.

Torna-se cada vez mais evidente que o debate estratégico nos Estados Unidos precisa ser muito bem acompanhado, pois vivemos uma era de grandes incertezas e de grandes mudanças, com ritmos diferenciados de cooperação e conflito. As redefinições de prioridades americanas são referenciais imprescindíveis para redefinições estratégicas e, sobretudo, importantes para se repensar a "grande estratégia" ou a grande política, como preferiu designar recentemente o presidente Fernando Henrique Cardoso.

Assim as principais questões relacionadas com o paradigma estratégico colocam-se com grande atualidade. No sistema pluralístico da democracia moderna, com divisão dos poderes, como mostra Guertner, as definições relacionadas com fins e meios

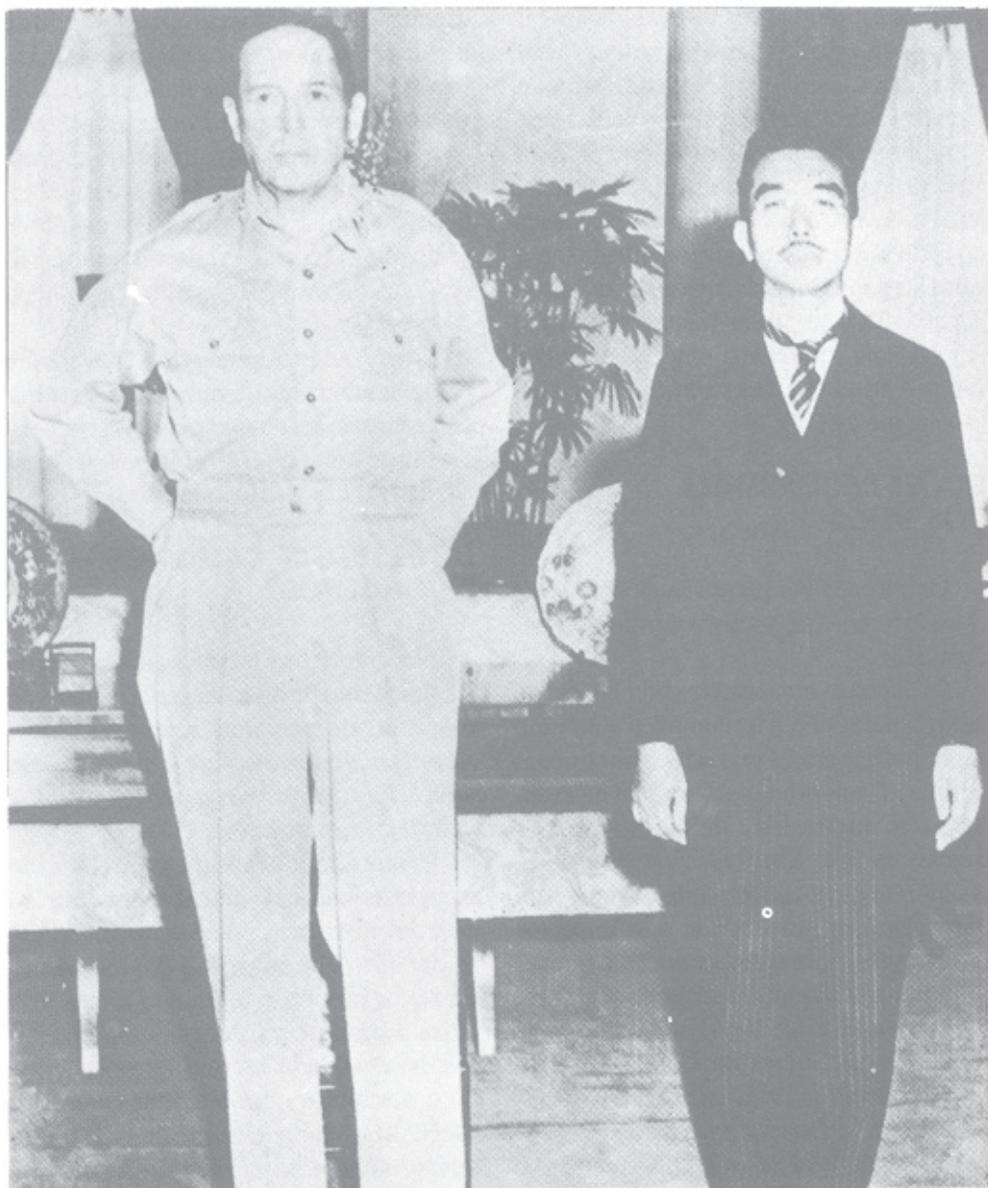
9 Paul Kennedy, 1991, p. 173.

10 Marc Trachtenberg, 1991, pp. 261-86.

11 Carl H. Builder, 1989, p. 3.

12 Domicio Proença Jr., 1991, p. 19. Grifado no original.

MOMENTO PARA
A POSTERIDADE:
HIROÏTO, À DIREITA,
E MacARTHUR,
LOGO APÓS
A RENDIÇÃO
JAPONESA



são mais difíceis e complexas. As múltiplas visões estratégicas competem por influência e recursos, devendo haver interações no processo de decisão sobre estratégia e o processo de alocação de recursos.

Mesmo quando se supõe consenso de interesses, de objetivos e de diagnósticos de ameaças, a formulação estratégica é um processo político intenso onde são iminentes os conflitos, as negociações e os compromissos. Guertner completa essa síntese da complexidade da estratégia na democracia contemporânea indicando que nela a decisão racional é a capacidade de harmonizar interesses e visões estratégicas que competem entre si e conclui que o fator dominante na busca da estratégia é o quadro político interno do país (13).

No caso dos Estados Unidos, as pessoas vivenciam as incertezas da transição para um novo sistema de poder internacional e as dificuldades de consenso entre os paradigmas reais da política e os paradigmas ideais da estratégia para o século XXI. De qualquer maneira, existe consenso entre estrategistas de que eles continuarão desempenhando papéis de alicerce e de liderança fundamentais no sistema de segurança internacional a ser ainda organizado.

O mesmo e mais profundamente ocorre com o Japão cinquenta anos após a derrota total. O que fazer? Repetir a estratégia de Tokugawa Ieyasu (14), uma política de isolamento pacifista por mais de duzentos anos, talvez porque o arcabuz (15) não fosse uma arma boa para ganhar guerra e agora talvez

13 Gary L. Guertner, 1994, pp. 305-9 e David Jablonsky, 1994, pp. 3-45.

14 Sobre sua importância consultar: A. L. Sadler, *The Maker of Modern Japan - The Life of Shogun Tokugawa Ieyasu*, Tokyo, Charles E. Tuttle Company, 1986, Eighth printing.

15 Mais detalhes em: Noel Perrin, *Giving Up the Gun: Japan's Reversion to the Sword (1543/1879)*, Boulder, Shambala, 1980.

porque não haveria consenso para alterar a essência do preâmbulo e do artigo 9 da Constituição? Como seria possível neste paradigma uma participação estratégica ativa na segurança internacional?

Pode-se, portanto, esperar redefinições no paradigma estratégico japonês visando papel mais ativo no ordenamento mundial do século XXI. Esta convicção está presente entre analistas japoneses de alta expressão desde a metade dos anos 70 (16). Para uns o Japão já está afirmando seu papel político-estratégico ativo na arena mundial, evitando tornar-se um grande poder militar. Esse envolvimento se daria através de contribuições não-militares articuladas por uma diplomacia multilateral (17).

Outros acham necessário reformular o paradigma estratégico institucionalizado no pós-guerra. Afinal, as Forças de Auto-Defesa do Japão já estão entre as mais poderosas do mundo. Essa é uma questão central do cenário político japonês atual, definidora inclusive de novas tendências no quadro partidário do país. Trata-se de um problema muito delicado, interna e externamente, particularmente na Ásia.

No caso brasileiro, já começamos a articular as alianças políticas da confluência das linguagens liberais e social-democratas contemporâneas (18). Mas restam algumas dúvidas. O Brasil já está caminhando para uma reaproximação estratégica que é natural em relação aos Estados Unidos e buscando, como *global actor* em potencial, seu lugar no Con-

selho de Segurança, afirmando-se como parceiro na liderança de uma futura *polity* mundial, "padrão global de estruturas e processos para conduzir e resolver conflitos, fazer e implementar regras", conforme a define Seyom Brown (19)? Precisarão trabalhar com muita seriedade nesta direção.

A tradição da política externa brasileira mostra que o Brasil está comprometido com a solução pacífica das controvérsias, reafirmada entre os valores pétreos do preâmbulo da constituição brasileira, valores compartilhados universalmente. Mas como somos uma sociedade com muitas desigualdades, onde não há tanta fruição desses valores, é certo que o processo de aquisição dos *status* de *global trader* e *global actor* competitivos estará pleno de tensões internas e externas.

No plano interno será fundamental a consolidação duradoura de um arco de alianças partidárias que dê estabilidade política às estratégias competitivas. Essas estratégias não poderão ignorar a importância da contribuição brasileira na arena da segurança internacional. Paradoxos da estratégia que exigirão muita cooperação, desenvolvimento abrangente das capacidades de negociação, busca e institucionalização de normas para a proteção dos valores universais da comunidade humana. Por outro lado, também, busca de um papel digno para a dimensão brasileira e latino-americana de contribuir para a segurança coletiva. Vamos precisar de muito engenho e arte.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Braz. *Novos Padrões de Pensamento Estratégico no Brasil?*. São Paulo, Naippe-USP, 1993.
- BERNSTEIN, Barton J. "The Atomic Bombs Reconsidered" in *Foreign Affairs*, 74 (1), January-February/1995, pp. 135-52.
- BUILDER, Carl H. *The Masks of War. American Military Styles in Strategy and Analysis*. Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 1989.
- GUERTNER, Gary L. *The Search for Strategy. Politics and Strategic Vision*. Westport, Greenwood Press, 1993.
- JABLONSKY, David. "Why Is Strategy Difficult?", in Guertner, op. cit., pp. 3-45.
- KENNEDY, Paul. *Grands Strategies in War and Peace*. New Haven, Yale University Press, 1991.
- HUNTINGTON, Samuel P. "America's Changing Strategic Interests", in *Survival*, XXXIII (1), January-February/1991, pp. 3-16; cf. *Política Externa* 1 (1) junho/1992, pp.16-30.
- PROENÇA JR., Domício. *O Fazer da Guerra Moderna: O Corpo-de-Exército como Unidade Operacional, Gênese e Superação*. Tese de doutoramento, Coppe-UFRJ, novembro/1994.
- The Japan Interpreter. "The Silent Power. Japan's Identity and World Role". Tokyo, The Simul Press, 1976.
- TRACHTENBERG, Marc. *History & Strategy*. Princeton, Princeton University Press, 1991.
- YASUTOMO, Dennis T. "The Politicization of Japan's 'Post-Cold War' Multilateral Diplomacy", in Geral L. Curtis, (ed), *Japan's Foreign Policy After the Cold War: Coping with Change*. New York, M. E. Sharpe, 1993, pp. 323-46.

16 *The Japan Interpreter*, 1976.

17 Dennis T. Yasutomo, 1993.

18 Essa tendência atual e dos próximos anos está antecipada em: Braz Araujo, *Novos Padrões de Pensamento Estratégico no Brasil?*, São Paulo, Naippe-USP, 1993.

19 Seyom Brown, 1992, p. 6.